

ANÁFORA ENCAPSULADORA EM REPORTAGENS JORNALÍSTICAS: CONSEQUÊNCIAS DA PANDEMIA NO CENÁRIO DE VOLTA ÀS AULAS PRESENCIAIS

DOI: <https://doi.org/10.29327/210932.10.1-2>

Giovana Reis Lunardi

Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina-Brasil

gio.gio.lunardi@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6437-6395>

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar o uso de anáforas encapsuladoras em três reportagens, selecionadas em revistas de circulação nacional e na *web*. São apresentados na fundamentação teórica os diferentes tipos de anáforas como recursos de referência no discurso e organização textual. A temática está inserida nos estudos da Linguística Textual, e tem como base teórica Koch (2004, 2005, 2009), Koch e Marcuschi (1998), Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2003) e Apothelóz (2003). Como procedimento metodológico, aplicou-se pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. A seleção da anáfora encapsuladora, aqui representada por pronomes demonstrativos dêiticos, se caracteriza como recurso coesivo e argumentativo a ser investigado. Os estudos sobre o texto, na perspectiva da Linguística Textual, contribuem para o ensino da língua materna, e, por consequência, para professores e também àqueles que têm interesse nos processos de construção da tessitura textual discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Encapsulamento anafórico. Anáfora encapsuladora. Organização textual. Recursos argumentativos.

ENCAPSULATING ANAPHORE IN JOURNALISTIC REPORTS: CONSEQUENCES OF PANDEMIC IN THE SCENARIO OF RETURNING TO FACE-TO-FACE CLASSES

ABSTRACT: This article aims to analyze the use of encapsulating anaphores in three reports, selected from national magazines and from the web. The different types of anaphores are presented in the theoretical foundation as reference resources in discourse and textual organization. The theme is inserted in the Textual Linguistics studies, and has as theoretical basis Koch (2004, 2005, 2009), Koch and Marcuschi (1998), Mondada and Dubois (2003), Cavalcante (2003) and Apothelóz (2003). As a methodological procedure, a bibliographical research with a qualitative approach was applied. The selection of the encapsulating anaphore, represented here by deictic demonstrative pronouns, is characterized as a cohesive and argumentative resource to be investigated. Studies about the text, from the Textual Linguistics perspective, contribute to the teaching of the mother tongue, and, consequently, to teachers and also to those who are interested in the processes of construction of the discursive textual tessitura.

KEYWORDS: Anaphoric encapsulating. Encapsulating anaphora. Textual Organization. Argumentative Resource.

INTRODUÇÃO

O recorte feito dessa pesquisa qualitativa, dentre os estudos da Linguística Textual, refere-se ao processo de referenciação denominado *anáfora encapsuladora*, com base na produção de teóricos como Koch (2004, 2005, 2009), Koch e Marcuschi (1998), Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2003) e Apothelósz (2003). Este artigo tem por objetivo geral abordar nas análises dois principais aspectos da anáfora encapsuladora: a organização no discurso e a potencialidade argumentativa em trechos ou porções textuais de três reportagens jornalísticas, defendendo que esse recurso coesivo auxilia o locutor na construção e na manifestação de um ponto de vista, ou seja, da argumentação textual. A argumentação é entendida aqui no sentido de que o locutor, produtor do texto, manifesta uma opinião sobre o assunto tratado. O locutor, portanto, é aquele responsável pela opinião que o texto veicula e o leitor, denomina-se interlocutor. Um texto é organizado pela coesão, esta que é responsável por estabelecer as *relações de sentido* no conjunto semântico do texto. Dentre os principais recursos remissivos utilizados para a organização textual está a anáfora encapsuladora, responsável pela retomada e recategorização de referentes de maneira que a progressão textual ocorre com a utilização de elementos axiológicos.

As questões de pesquisa que norteiam este trabalho são: As anáforas encapsuladoras contribuem discursivamente para a manifestação da opinião do autor do texto? São recursos úteis para organização textual? Duas hipóteses foram investigadas: primeiro, se as anáforas encapsuladoras conduzem à interpretação da opinião manifestada pelo locutor; a segunda hipótese é de que esse recurso remissivo ocorre em diferentes gêneros textuais, como em textos de tipologia expositiva (reportagem) e não apenas em textos opinativos. Para verificar tais afirmações, este artigo analisa dois aspectos da anáfora encapsuladora: a organização no discurso e a potencialidade argumentativa – na medida em que impõe um ponto de vista. Os encapsulamentos anafóricos são selecionados em trechos das reportagens que apresentam termos avaliativos ou chamados “axiológicos” e pronomes demonstrativos. Assim, será possível perceber como esse recurso coesivo tem função avaliativa decisiva para o desenvolvimento da argumentação no texto.

Com relação aos procedimentos metodológicos, este artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, cujo *corpus* constitui-se de reportagens jornalísticas extraídas de revistas de circulação nacional e da *web*. Após a fundamentação teórica sobre a Linguística Textual, define-se em subtítulo próprio a anáfora encapsuladora, apresenta-se a metodologia e o *corpus* de pesquisa, as análises e as considerações finais.

COESÃO E COERÊNCIA COMO PILARES DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Para aqueles que se ocupam dos estudos relacionados ao texto/discurso, e até mesmo para quem visa à produção de um bom texto, as reflexões dessa produção perpassam a Linguística Textual. Quando se fala em texto com estudantes, professores e pesquisadores da área das línguas é praticamente intuitivo mencionar a coerência e a coesão

como responsáveis por uma boa produção textual. Respondemos aos alunos que um texto precisa ter esses dois elementos, entendendo-os no sentido microestrutural (coesão) e macroestrutural (coerência). Dizemos ainda que um texto sem coesão não tem coerência, para haver coerência é preciso que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos.

A Linguística Textual (LT) no início de seus estudos na década de 60 detinha-se às relações interfrásticas, concebendo o texto, dentre outros conceitos, como uma “frase complexa”; “cadeia de pronominalizações ininterruptas” (KOCH, 2004, p. 03). Após a década de 60, a LT toma para investigação o que faz com que um texto seja um texto; foram desenvolvidos estudos com os fatores de textualidade de Beuagrande e Dressler (1981), que são a “coesão, coerência, informatividade, intencionalidade, situacionalidade, intertextualidade e aceitabilidade” (KOCH, 2009, p. 11).

Atualmente, o texto, resultado de um *múltiplo referenciamento*, é visto como uma “sucessão de unidades linguísticas constituída mediante uma concatenação pronominal ininterrupta” (KOCH, 2004, p. 03). Essa concatenação pronominal é a coesão, responsável pela trama entre os elementos no texto que resultará na coerência. Segundo Koch (2009, p. 18), o principal recurso de coesão textual, responsável por tecer o tecido textual é a referência, isso porque a continuidade dos referentes é responsável pela construção do sentido no texto. Os elementos de referência são “os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação” (KOCH, 2009, p. 19). Essa remissão é perceptível no texto principalmente quando se usam pronomes demonstrativos. Para Koch (2009, p. 18), há cinco mecanismos de coesão: a referência (pessoal, demonstrativa e comparativa); a substituição (nominal, verbal e frasal); a elipse (nominal, verbal e frasal) e a conjunção (aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa). A coesão referencial é aquela pela qual um componente do texto faz remissão a outro (KOCH, 2009, p. 30).

No decorrer dos estudos da LT, Mondada (2003) substitui a noção de referência pela referenciação e objetos-de-discurso por referente. Nesse sentido, é necessário lembrar que a referenciação não significa apenas a utilização de expressões referenciais, mas perpassa pelo processo cognitivo de construção do sentido em cada situação comunicativa; organizar referencialmente um texto é contribuir para que tenha coerência discursiva (MARCUSCHI, 2001). “Os referentes, ou objetos-de-discurso emergem do uso da língua nas práticas sociais” (CAVALCANTE, 2005, p. 125), de maneira que são instáveis e apresentam constituição efêmera. Importante destacar que são os recursos coesivos que definem, categorizam e re-categorizam esses objetos, fazendo com que o texto tenha progressão, denominada progressão referencial.

Com relação ao gênero textual escolhido para fins deste artigo, a reportagem jornalística, utilizaram-se os postulados de Marcuschi (2002), isso porque cada situação socio-comunicativa requer um gênero para a relação de interação verbal entre sujeitos. As tipologias textuais designam uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza

linguística de sua composição, abrangem: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Já os gêneros textuais são os textos materializados que encontramos em nossa vida diária, eles são inúmeros, por exemplo, telefonema, bilhete, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, horóscopo [...]. O tópico seguinte explica mais sobre os processos de referenciação e construção de referentes voltando-se, no decorrer da escrita, para a importância das anáforas na estruturação do discurso.

A REFERENCIAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE OBJETOS-DE-DISCURSO PELAS ANÁFORAS

Esta seção situa a referenciação como um importante processo de continuidade do texto, porque é a retomada responsável pela organização e progressão textual, fazendo com que um texto seja um texto (KOCH, 2009). A construção dos objetos-de-discurso, que são construídos no texto, pode ser explicada, conforme Mondada e Dubois (2003, p. 17), a partir dos processos de *categorização* e de *referenciação*. Sabendo que esses processos se constroem ao longo do texto, a categorização dos objetos-de-discurso diz respeito à maneira como o locutor refere-se às palavras e às coisas do mundo, como um mapeamento. Referentes constituem-se como novos objetos-de-discurso, conforme Koch (2005, p. 37): “[...] o emprego de expressões nominais anafóricas opera a recategorização dos objetos-de-discurso, [...] atendendo aos propósitos comunicativos do falante/escrevente.” Essa categorização apresenta instabilidade, uma vez que é relativa à visão que o locutor quer dar do objeto referido. Embora as palavras e seus mapeamentos sejam parte do processamento simbólico no discurso, a referenciação é relativa não somente à apresentação das coisas, mas à relação entre o texto e a parte não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado. Uma das características da categorização, que constrói os objetos de discurso, é de serem instáveis, variável e flexível, por haver muitas categorias possíveis para identificar o objeto de discurso; a escolha implica em uma decisão do locutor, conforme o ponto de vista adotado.

Como estratégia de progressão textual, a retomada anafórica é uma das mais utilizadas, embora poucos saibam que existem vários tipos de anáforas; elas permitem a continuidade do texto, ou seja, a progressão, a partir da retomada. Entretanto, para Koch e Marcuschi (1998), nem todas as anáforas são retomadas de algum elemento, algumas são remissões para o prosseguimento discursivo em continuidade ao texto. A anáfora pode ou não transformar o objeto-de-discurso; as modificações que a atividade anafórica, segundo Apothéloz e Béguelin, pode operar são:

- a) *Recategorizador lexical explícita*: produz uma nova predicação de atributos sobre o objeto ao utilizar uma nova expressão, como um item recategorizador.
- b) *Recategorização lexical implícita*: utiliza um pronome anafórico que remete e retoma um referente, denominando e modificando-o em algum aspecto.
- c) *Recategorização com modificação da extensão do objeto*: há mudança lexical e podem ser utilizados pronomes demonstrativos.

Também se pode entender, consoante com a escolha teórica, que há apenas dois tipos de forma anafórica (KOCH, 2005, p. 39): as formas anafóricas que rotulam um seg-

mento do texto transformando-o em objeto-de-discurso, permitindo assim a progressão textual (exemplos com *circunstância, fenômeno, essa ampliação, etc.*). E as que realizam operações de nominalização por meio de nomes deverbais ou não, consistem em rotulações resultantes de encapsulamentos operados sobre predicções antecedentes ou subsequentes. São *objetos-acontecimentos* na memória discursiva.

Os estudos de Ducrot (1972), observado por Apothelóz (2003, p. 66), sobre os pressupostos, demonstram que todo SN usado referencialmente pressupõe a existência de um referente. A seleção dos elementos formadores do sintagma nominal torna o conteúdo referenciado acessível ao interlocutor. O núcleo do SN é um substantivo abstrato, em geral derivado de adjetivo qualificados de teor avaliativo. Conforme o gramático Houaiss (2008, p. 241 - 242), “[...] A retomada de uma parte do conteúdo do texto por meio de um sintagma nominal (anáfora) é sempre um meio de encadear o raciocínio, unindo informação conhecida e informação nova, e fazendo o texto avançar”. Com relação à remissão dêitica e os pronomes demonstrativos, que compõem junto a esses sintagmas nominais, as anáforas encapsuladoras; sabe-se que os pronomes demonstrativos servem para localizar, em relação às pessoas, objetos (seres, coisas e noções), no caso dessa pesquisa, localizará referentes no próprio texto. Prevalecendo nesse espaço da modalidade escrita a função anafórica remissiva dos demonstrativos. Todas essas noções auxiliam na compreensão e nos estudos sobre as anáforas, ainda para tal compreensão são marcados alguns tipos de anáforas.

OS TIPOS DE ANÁFORA

Embora interesse neste artigo abordar o poder/potencial argumentativo da anáfora encapsuladora – que leva o leitor a ser influenciado pelo locutor –, para aproximar-se da diferença e peculiaridade desse recurso remissivo, além de ressaltar sua importância é que são listados a seguir quatro dos principais tipos de anáfora, seguindo a classificação de Apothelóz (2003):

a) Anáfora fiel/infidel: *fiel* é quando a anáfora tem um referente anteriormente introduzido no texto que é retomado por um SN definido ou demonstrativo, sendo uma possibilidade de correferência (uma casa/ a esta casa). E *infidel* é quando o nome da forma retomada é diferente daquela introduzida, trata-se frequentemente de um sinônimo, hiperônimo ou quando é acrescida uma determinação qualquer (*uma casa...a habitação*).

b) Anáfora por nomeação: “[...] quando um sintagma nominal transforma em referente, quer dizer, em objeto individuado, o processo denotado por uma proposição anterior” (2003, p. 72).

c) Anáfora por silepse: ocorre quando o anafórico refere-se a um termo que está omitido pela silepse, por exemplo: “[...] elas se queixaram de que teriam de esfregar a cozinha”. O pronome “elas” refere-se às mulheres.

d) Anáfora associativa: elas apresentam seu referente como já conhecido ou como identificável. Essa associação pode dar-se pelo campo semântico das palavras, quando

há relação de termos de uma mesma família ou espaço, por exemplo, ao mencionar uma escola, podem-se referenciar alunos, professores, salas de aula, etc.

Essas tipologias fazem com que se perceba como as anáforas são mecanismos de estabilização dos referentes no discurso. Outros teóricos exploram diferentes tipologias, como, por exemplo, Barbisan e Machado (2001, p. 139) que entendem por *anáfora conceitual*: “[...] os processos de nominalização em *este N, o N, tal N*, de pronominalização ou ainda de *anáfora zero*, que tem como antecedente não um nome, mas um segmento de discurso de extensão variável que pode ser: enunciado, parágrafo ou texto”. Ocorre que em todos os casos ela é resumitiva. Esse conceito assemelha-se à anáfora encapsuladora, pois se refere a uma porção anterior do texto. O Sintagma Nominal (SN) geralmente é utilizado com um pronome demonstrativo, isso porque a interpretação de certas expressões linguísticas é dependente do lugar da enunciação ou da pessoa que se enuncia. Tais expressões são chamadas dêiticas, localizadores espaciais: *aqui, agora, ontem, lá, ontem* e pronomes de primeira e segunda pessoa. A referência da dêixis é ao lugar, tempo, espaço ou pessoa na situação da enunciação; a característica dos dêiticos, dada por Apothelóz (2003, p. 68), é que o seu modo de referência se apoia em um referencial e não nos significados. A anáfora pode agir juntamente a um dêitico textual, por exemplo, nas estruturas: “desse acontecimento”, “tudo isso”. Há outras situações em que a dêixis textual, que utiliza expressões como *mais acima, abaixo, no próximo capítulo, isso* representa um lugar ou espaço no próprio texto. E a dêixis da memória, que é um sintagma nominal demonstrativo, pode referir-se *in absentia*, na ausência de qualquer designação anterior ou enunciativa.

A ANÁFORA ENCAPSULADORA

Entre os tipos de anáforas, a encapsuladora é a única que tem potencial argumentativo (CONTE, 2003), pois é ela o objeto principal desta investigação. O “encapsulamento anafórico” é um fenômeno textualmente relevante que descreve uma anáfora formada por um sintagma nominal (SN) responsável por encapsular uma parte anterior do texto ou de um enunciado, tendo preferência por pronomes demonstrativos para sua composição (CONTE, 2003, p.177). Os demonstrativos têm potencialidade de serem dêiticos textuais, responsáveis por fazer o leitor encontrar o referente. Esse tipo de anáfora é especial em detrimento dos outros tipos, porque manifesta uma opinião através de uma *paráfrase resumitiva*. É um recurso coesivo que, ao funcionar como paráfrase de um trecho do texto, dá continuidade a ele a partir de uma opinião e da categorização do objeto-de-discurso. A leitura de diferentes gêneros textuais faz o leitor perceber categorizações e recategorizações de elementos antecedentes, sejam enunciados ou parágrafos. Destaca-se a forma referencial abaixo, em itálico, que fornece instruções de sentido que representa uma categorização da parte antecedente:

(4) Imagina-se que existam outros planetas habitados. *Essa hipótese* tem ocupado a mente dos cientistas desde que os OVNIs começaram a ser avistados (KOCH, 2009, p. 51). É evidente que, por escolha lexical, há uma opinião dada pela anáfora encapsulado-

ra “essa hipótese”; dessa maneira é que Conte (2003, p. 177) conceitua o encapsulamento anafórico como: “[...] um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto”. Destacamos que a porção do texto (ou segmento) encapsulado pode ter extensão variada, sendo um parágrafo inteiro ou apenas uma sentença.

O SN torna-se um “novo referente discursivo” sob base de uma informação velha, assim passa a ser um argumento de predicacões posteriores, e, se o núcleo for axiológico, será um poderoso meio de manipulação (CONTE, 2003) e manifestação da opinião do autor que será analisada posteriormente. Dito de outra forma, sob a perspectiva de poder argumentativo do núcleo axiológico é que essa pesquisa investiga as reportagens jornalísticas. Ao fazer essas escolhas, o texto progride com a operacionalização de novos objetos-de-discurso. Mediante o emprego de expressões nominais anafóricas é que há referenciação e elas são responsáveis pelo procedimento que “opera a recategorização dos objetos-de-discurso, isto é, de que maneira tais objetos, ao longo do texto, vão sendo (re) construídos de determinada forma, atendendo aos propósitos comunicativos do falante/escrivente” (KOCH, 2005, p. 37). A paráfrase é definida como a interpretação de um texto com palavras próprias e mesmo pensamento original, o locutor faz a escolha lexical conforme a opinião que tem acerca da temática exposta na parte precedente e que pretende destacar no texto.

A remissão textual se dá muitas vezes pelo uso de uma forma nominal para recategorizar segmentos precedentes ou subsequentes do cotexto, encapsulando-os. São anáforas que não nomeiam um referente específico, mas termos abstratos, um todo de uma ideia, manifestando opiniões. As anáforas encapsuladoras rotulam parte do cotexto que as precede (x é um fato, uma cena, etc.) e criam novo referente. “A *categorização e a avaliação* são operações cognitivas e emotivas relevantes ao falante, nesse sentido, o encapsulamento anafórico pode ser considerado uma anáfora pragmática” (CONTE, 2003, p. 182, grifo do autor), ou, de outra maneira, que também está em função do contexto. Para essa autora, além de importante recurso coesivo para textos argumentativos, o encapsulamento anafórico é responsável pela organização do discurso. A respeito da anáfora encapsuladora é importante para essa pesquisa mencionar três características (CONTE, 2003); primeiramente que ela é dependente do cotexto e quando o núcleo é axiológico geralmente ocorre com determinante demonstrativo. Esse tipo de anáfora tem preferência por um determinante demonstrativo, que tem poder dêitico e é uma instrução ao leitor para encontrar o referente. Os encapsulamentos anafóricos podem ser considerados novos porque o item lexical (núcleo do sintagma nominal) ainda não ocorreu no texto (CONTE, 2003). Ainda com base nessa autora: “na base da informação velha, um novo referente discursivo é criado, e se torna o argumento de predicacões futuras” (2003, p. 183). Diante da instabilidade da referenciação, que se constrói durante o texto, as anáforas encapsuladoras, além de organizarem e serem responsáveis pela progressão textual, demonstram a opinião do locutor. Nessa perspectiva de que demonstram uma opinião

é que serão identificadas no *corpus* mencionado, conforme a metodologia definida no decorrer deste estudo.

As modificações que as anáforas encapsuladoras causam são de uma *recategorização com modificação da extensão do objeto*, conforme já explicitado por Apothéloz e Béguelin, autores referidos por Koch e Marcuschi (1998, p. 183), pois há mudança lexical e podem ser utilizados pronomes demonstrativos. Tais remissões textuais (re)constroem o objeto-de-discurso e imprimem ao enunciado e ao texto como um todo (KOCH, 2005, p.35) orientações argumentativas conforme a proposta enunciativa do seu locutor/produtor. Uma descrição nominal com função de categorização ou recategorização de referentes trata-se de uma escolha dentre as possibilidades do léxico, que caracteriza a intenção do produtor do texto, construindo o sentido. Koch (2005) menciona que essas formas anafóricas têm valor persuasivo, isto é, os rótulos avaliativos que pretendem orientar o interlocutor para determinadas conclusões.

Observa-se que as anáforas encapsuladoras analisadas apresentam um rótulo avaliativo, que é o ponto de vista do locutor sobre dado objeto-de-discurso, criando assim novo referente e resultando na progressão referencial e progressão textual.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Do ponto de vista da sua natureza essa pesquisa é, conforme Prodanov e Freitas (2009, p. 62), do tipo descritivo-exploratória, pois proporciona mais informações sobre o assunto investigado e faz análises de exemplos que estimulam a compreensão. Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, porque foi “[...] elaborada a partir de materiais já publicados, constituída principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos” (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 68). A abordagem do problema de pesquisa é de natureza qualitativa, cujo *corpus* constitui-se de reportagens jornalísticas, coletadas na *web* e em revistas de circulação nacional do ano corrente.

A importância da análise desse tipo de *corpus* é voltada para a necessidade de que os leitores interpretem e compreendam o processo de remissão textual, além de motivar os professores e estudiosos do texto a utilizarem mais dos preceitos de Linguística Textual, especialmente da anáfora encapsuladora, no ensino da língua materna e, também, na formação leitora dos alunos. Isso porque perceber o texto como uma construção, ou um tecido, que tem seus componentes relacionados e dependentes entre si é determinante para o aprimoramento da produção textual.

Buscaram-se especificamente anáforas encapsuladoras formadas por sintagmas nominais (os sintagmas nominais são nomes de que nos servimos para designar parcelas de nossa experiência de mundo, concebidas como unidades reais ou imaginárias) e por dêiticos. Os dêiticos são pronomes demonstrativos que sinalizam o referente e conduzem à interpretação da opinião do locutor. Após a seleção do corpus, os procedimentos metodológicos de análise, neste artigo, preveem:

1. Selecionar e transcrever trechos, fragmentos discursivos, nos quais estejam presentes anáforas encapsuladoras, com núcleos axiológicos e pronomes demonstrativos em três reportagens jornalísticas;

2. Analisar os trechos dos gêneros textuais selecionados, a partir da identificação sua potencialidade argumentativa e sua organização no discurso;

3. Observar como o encapsulamento anafórico cria novos referentes no texto, que são pontos cruciais no discurso argumentativo (pontos nodais) responsáveis pela coesão e pela manifestação da opinião do locutor;

4. Ressaltar como esses recursos coesivos organizam a estrutura semântica do texto através da progressão referencial;

Relembramos que duas hipóteses são objeto de investigação neste trabalho de pesquisa: primeiro, se as anáforas encapsuladoras conduzem à interpretação da opinião manifestada pelo locutor; a segunda hipótese é de que esse recurso remissivo ocorre em diferentes gêneros textuais, como em textos de tipologia expositiva (reportagem) e não apenas em textos opinativos. Para se confirma as hipóteses, este artigo abordará nas análises dois aspectos da anáfora encapsuladora: a organização no discurso dada pelos novos objetos-de-discurso e pelo o fenômeno remissivo e a potencialidade argumentativa, pois a anáfora encapsuladora manifesta um ponto de vista. A anáfora encapsuladora também receberá na análise a denominação do processo que executa, ou seja, o encapsulamento anafórico. Os encapsulamentos selecionados são aqueles que apresentam termos avaliativos ou chamados “axiológicos”. As análises a seguir evidenciam que as anáforas encapsuladoras organizam a estrutura semântica do texto. E também comprovam o que menciona Conte (2003, p. 185): a anáfora encapsuladora cria pontos cruciais no discurso argumentativo (pontos nodais), funcionando como recurso coesivo e organizador textual. Ela não é neutra, é uma escolha do locutor.

ANÁLISE DE ANÁFORAS ENCAPSULADORAS EM REPORTAGENS JORNALÍSTICAS

Conforme estipulado pelos procedimentos metodológicos, serão listados a seguir trechos das reportagens selecionadas (I), (II) e (III), nos quais há a presença de anáforas encapsuladoras, sendo esse processo de retomada explicitado durante a análise.

A reportagem (I), intitulada **“Retomada das aulas presenciais `acirra a violência nas escolas. O que fazer para superá-la?”** (BASILIO, 2022) relata o cenário atual de retorno às aulas presenciais. Um cenário repleto de indisciplina, crises de pânico, ansiedade e muita violência. Depois de meses afastados fisicamente das escolas por causa da pandemia do COVID-19, os alunos de escolas de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e outros estados, já não são mais os mesmos. Professores relataram uma indisciplina diferente daquelas características dos alunos, muitas brigas, violência física e verbal, descontrole emocional constroem o cenário de várias escolas que já estão com aulas presenciais desde o início deste ano de 2022. Alguns docentes mencionam nessa reportagem que as regras parecem não fazer mais sentido para os alunos, não há respeito com as hierarquias tampouco com os colegas. Dados da Secretaria da Educação de São Paulo revelaram

um aumento de 48,5% de casos de agressões físicas nos dois primeiros meses de aulas presenciais em comparação a 2019. De acordo com a Plataforma Conviva, na qual são registradas as ocorrências escolares, os números são, em média, 108 casos de violência por dia letivo nas 5.500 escolas estaduais. (BASILIO, 2022). Além de dificuldades de concentração relatadas por alunos, não há aceitação dos conteúdos e tampouco das tarefas, os alunos simplesmente saem das salas de aula e não aceitam repreensões. Depois de discorrer com detalhes sobre esses fatos mencionados, a reportagem analisada traz o seguinte trecho:

(1) “Para as pesquisadoras, no geral, as redes escolares não utilizaram o tempo do fechamento para planejarem o seu retorno e acabaram se apoiando na estrutura estanque que, cada vez menos, dialoga com a realidade dos estudantes. “Quanto mais as escolas tentarem retomar suas atividades como antes, mais vão provocar **essas reações contrárias**, muitas vezes inconscientes, e que se manifestam em forma de sofrimentos, conflitos e violência [...]” (BASILIO, 2022).

Na anáfora encapsuladora identificada no trecho (1) ocorre a preferência pelo pronome demonstrativo; o leitor pode perceber que as “**reações contrárias**” das quais se fala na reportagem foram anteriormente mencionadas e não se trata de qualquer reação, mas específica no cotexto. A remissão feita pela escolha do locutor pelo SN “essas reações contrárias” (1) manifesta um julgamento que contribui para a construção da interpretação do fato pelo leitor/interlocutor. Caso fosse mencionado novamente esse objeto-de-discurso criado pelo encapsulamento anafórico no cotexto, o leitor saberia identificar de qual cenário se trata; portanto, o discurso foi organizado pelo encapsulamento. Esse novo referente é ponto nodal no discurso, responsável pela coesão textual dessa reportagem.

O leitor deve observar, no decorrer dessa leitura, que são reações contrárias às regras escolares e a uma conduta adequada dos estudantes. Os alunos agem de modo contrário, porque não agem de modo correto, de acordo com as regras escolares. A escolha do SN “reações contrárias” é de responsabilidade do locutor, que tem uma opinião sobre o assunto e que a aponta conforme a seleção lexical. A continuidade do texto se dá quando o locutor constrói o restante do enunciado que menciona que as reações podem ser de modo inconsciente dos alunos, os quais passaram por sofrimentos durante o período de afastamento das escolas. O novo referente demonstra na dinâmica textual a organização de um discurso crítico, o qual defende que as escolas deveriam adotar posturas novas, de acolhimento, por exemplo, diante da realidade pós-pandemia.

Ainda na reportagem, cuja temática gira em torno da volta às aulas presenciais e da necessidade de reformular os modelos educacionais, o segundo fragmento discursivo (2) no qual se encontram mais duas anáforas encapsuladoras é o seguinte:

(2) “Aprendemos muita coisa coletivamente, individualmente, como sociedade, **nesses dois anos**. Desde questões mais subjetivas, emocionais, de como lidamos com o isolamento, com as perdas, a questões mais objetivas, do que é uma pandemia, uma vacina, o SUS [...] Diferentemente se maiores ou menores, os estudantes aprenderam muito nesse período sobre pandemia, vida em sociedade, pobreza, desigualdade. Cabe às escolas resgatar **essas aprendizagens** e sistematizá-las” (BASILIO, 2022).

Observa-se que a anáfora encapsuladora “**nesses dois anos**” é uma referência ao período pelo qual o mundo passou com a chamada pandemia do coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, contemplando o período de 2020 e 2021. Desse modo, o encapsulamento é bastante amplo e para ser compreendido é preciso que o leitor esteja ciente do que ocorreu no período, desde o isolamento social até o fechamento das escolas para aulas presenciais. A anáfora encapsuladora “nesses dois anos” funciona, também, de modo extradiscursivo, porque engloba todo o caos que a educação viveu no período mais longo com escolas de portas fechadas e todos os acontecimentos referentes à pandemia. Nesse sentido, para compreender o trecho da reportagem é preciso que o leitor tenha passado por esse período e saiba, minimamente, sobre as transformações mundiais tão marcantes para a sociedade em geral, trata-se de uma referência extratextual.

Ainda no mesmo trecho (2) a anáfora encapsuladora “**essas aprendizagens**” retoma o que foi mencionado anteriormente sobre aquilo que os estudantes aprenderam no período de dois anos da pandemia e manifesta o ponto de vista de que é preciso sistematizar as aprendizagens para uma nova visão de ensino. Dito de outro modo, as escolas precisam rever suas metodologias de ensino decorrentes da nova realidade repleta de novos conceitos e vivências. A organização do texto, conforme Koch (2005) menciona, se dá pela remissão textual, ou seja, a construção e reconstrução de objetos-de-discurso por meio de formas nominais. Essa remissão tem função predicativa e demonstra a opinião do locutor acerca do fato antecedente. As partes textuais encapsuladas recebem uma categorização e os novos referentes – “nesses dois anos” e “essas aprendizagens” – criados no texto são determinantes para a progressão textual.

No ano de 2022, as aulas voltaram de modo presencial em escolas, universidades, o cenário em geral é permeado pela ansiedade, estranhamento, alegria... muitas mobilizações ocorreram no sentido de tornar o ambiente de ensino seguro, a presença de algumas medidas sanitárias como o uso de máscaras e álcool em gel ainda existe e a tensão entre docentes e alunos também. A reportagem analisada é apenas um fragmento desse cenário no qual o ensino presencial se encontra e são necessárias novas reflexões acerca das metodologias de ensino. Para aquele que é docente, um misto de resquício do ensino digital com o ensino tradicional precisa ser revisto e analisado, afinal, foram dois anos de aulas online, nunca antes na história as escolas ficaram tanto tempo fechadas.

Passamos, a seguir, para a análise da reportagem (II) intitulada “**Saúde física e mental dos professores no limite**” (CAMARGO, 2022). Nessa reportagem a temática,

ainda na área da educação, relata a atual situação de vários professores que voltaram às salas de aulas presenciais e precisam (re)educar os alunos que estão mais violentos, menos atentos e também com abalos psicológicos. Ocorre que, durante o período da pandemia, o isolamento social e as novas exigências e desafios gerados pela migração da sala de aula para o ambiente virtual sobrecarregou os professores. Na época, além da pressão social, a sobrecarga de trabalho diante das demandas na *web* que fez com que os professores tivessem de se adaptar rapidamente gerou estresse e desinteresse pela docência. A reportagem (II) apresenta pesquisas realizadas com docentes que revelam dados alarmantes de adoecimento físico e mental, a seguir, um trecho analisado, com a anáfora encapsuladora em destaque:

(3) “Os professores declaram estar dormindo menos, comendo mais, se sentindo mais preocupados, com dificuldades de planejar o futuro e de oferecer suporte às pessoas, explica. **Esse cenário** representa, segundo ela, um importante risco para o desenvolvimento do burnout, um tipo de doença mental caracterizada pelo estresse crônico. Um dado bastante alarmante é que 40% dos professores participantes da nossa pesquisa declararam que passaram a repensar a escolha profissional em função da sobrecarga vivida [...]” (CAMARGO, 2022).

O trecho com a anáfora (3) apresenta o encapsulamento do enunciado e categoriza-o como sendo um “cenário” específico, formado por de uma definição das características do desenvolvimento da doença de *burnout*. Dito de outro modo, não é um cenário qualquer, mas especificado na reportagem. É apresentado para o texto um novo referente, “esse cenário”, para encapsular toda a situação atual vivida por vários professores ao retornar às aulas presenciais. Os professores relatam, na reportagem, ansiedade, dormir pouco, comer demais, sentirem-se sob pressão diante dos conteúdos a serem recuperados e da própria convivência com os alunos que não é a mesma.

A organização no discurso dá-se pelo encapsulamento que apresenta potencialidade argumentativa. O novo referente “esse cenário” poderá ser retomado no cotexto que o leitor compreenderá, seguindo a manipulação de sua opinião de que se trata de uma estratégia, conforme defendido pelo locutor do texto. As anáforas, como pontos cruciais no texto, não apenas aparecem como recurso de coesão, mas manifestando pontos de vista. É a opinião do locutor que as questões mencionadas são importantes e isso influenciará o leitor durante a leitura do artigo. Essa categorização, como muitas, apresenta instabilidade, uma vez que é relativa à visão que o locutor quer dar do objeto referido no processo de organização textual. Foi possível, portanto, demonstrar neste trecho como as anáforas encapsulam/recuperam o referente e também criam novos referentes no texto, que são *pontos cruciais no discurso argumentativo* (pontos nodais) e responsáveis pela coesão e pela manifestação da opinião do locutor.

A reportagem (III), intitulada “**Educação busca superar estragos da pandemia**” (PIMENTA, 2022) apresenta reflexões sobre a situação dos alunos, professores e familia-

res diante do retorno das aulas presenciais após dois anos de pandemia. O DataSenado desenvolveu uma pesquisa sobre os impactos desse período de afastamento do ambiente escolar no qual a educação ocorreu de forma remota, através de computadores, tablets, celulares e conteúdos digitais, constatando um retrocesso na qualidade da educação. Sequelas psicossociais de alunos e professores diante do estresse gerado pelas cobranças relacionadas à recuperação dos conteúdos e avaliações constroem uma realidade alarmante no país. Foram retirados dessa reportagem dois trechos, com anáforas encapsuladoras, utilizando-se de um núcleo axiológico, responsáveis pela manifestação da opinião do locutor, conforme se observa a seguir:

(1) “Diante **desse quadro preocupante**, o Senado aprovou recentemente projeto de lei que institui o Plano Nacional de Enfrentamento dos Efeitos da Pandemia de Covid-19 na Educação” (PIMENTA, 2022).

Caso fosse realizada uma leitura isolada do trecho analisado, o leitor poderia perguntar: qual quadro preocupante? Todavia, conforme o que se apresenta na reportagem (III) analisada, é possível perceber que a anáfora encapsuladora, além de encapsular as citadas consequências da pandemia na educação, dá continuidade ao texto e manifesta uma opinião através do adjetivo “preocupante”. É esse quadro considerado preocupante que leva o Senado a aprovar um projeto de lei que pretende apontar ações públicas que ajudem as famílias, alunos e professores a recuperar as perdas do último biênio com o estudo do conteúdo do ano atual para a melhoria dos indicadores de aprendizagem. Encapsulando as consequências da pandemia na educação através do “desse quadro preocupante” é possível perceber o funcionamento da anáfora como estratégia de progressão discursiva. A recategorização da porção precedente do texto é um processo que transforma o objeto-de-discurso sob o ponto de vista do locutor, é através dela que a designação dos referentes demonstra a opinião do locutor. É possível perceber que mediante o emprego de expressões nominais anafóricas ocorre a referenciação, sendo elas responsáveis pelo procedimento de progressão e coesão textual, atendendo aos propósitos comunicativos da reportagem. As próximas ocorrências de anáforas encapsuladoras na reportagem (III) são:

(2) “Por terem ficado muito tempo fora da escola podem estar, sim, abalados, desenvolvendo por exemplo, uma síndrome do pânico. **Nesses casos**, conversamos com os pais e acompanhamos **esses alunos** mais de perto” (PIMENTA, 2022).

Conforme se lê no trecho (2), “nesses casos” encapsulam o enunciado anterior no texto, referindo-se aos casos de abalos psicológicos decorrentes dos efeitos da pandemia e do retorno às aulas presenciais. A anáfora encapsuladora “nesses casos” restringe o tipo de acompanhamento “mais de perto” que é feito somente com alguns alunos. A seguir, no mesmo trecho, “esses alunos” retoma o referente anterior dos casos de “alunos que apresentam síndrome de pânico”, ocorrendo uma relação referencial entre casos = alunos. Como os encapsulamentos são pontos cruciais no discurso, essa categorização

é um recurso para a progressão textual. O funcionamento da anáfora como estratégia de progressão discursiva é defendido por muitos autores, como sendo um dos mais utilizados e eficazes (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p. 17). A continuidade fica evidente pela construção de referentes e podem existir mudanças de categorias para referenciar/definir o objeto-de-discurso. Desse modo, afirma-se que a organização textual é feita pelos objetos-de-discurso criados pelo processo de encapsulamento anafórico. Todas as anáforas analisadas têm núcleos axiológicos e pronomes demonstrativos na composição, de modo que funcionam como rótulos aos termos que referem e um meio de ativação de objetos-de-discurso.

Ao término das análises feitas, pode-se perceber que a referenciação pela estratégia de recategorização referencial, utilizando-se da Anáfora Encapsuladora, funciona na progressão textual e como a designação de um ponto de vista. Esse recurso coesivo é caracterizado, neste estudo, por pronomes demonstrativos e sintagmas nominais axiológicos. Há um total de sete anáforas encapsuladoras, somadas nas reportagens analisadas, com predominância do pronome demonstrativo “esse” e suas variações. É por meio da construção do objeto-de-discurso que o produtor do texto põe uma expressão linguística em foco, a partir da qual passa a construir uma rede semântica que lhe permite não perder de vista as informações conceituais referentes ao tema discorrido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa proposta por esse artigo foi investigar a ocorrência das anáforas encapsuladoras no gênero reportagem, formadas por pronomes demonstrativos e termos axiológicos, que permitiu considerar que esse recurso coesivo deve ser usado para contribuir na organização textual e na construção da argumentação. As questões de pesquisa que nortearam essa produção foram: As anáforas encapsuladoras podem manifestar a opinião do autor do texto? São recursos úteis para organização textual? Pudemos averiguar e afirmamos essas questões, na medida em que as anáforas encapsuladoras manifestam a opinião do autor de maneira que se tornam úteis para a organização textual e, também, para o desenvolvimento argumentativo de pontos de vista expressos no texto/no discurso. As duas hipóteses investigadas também se confirmam, considerando que as anáforas encapsuladoras se configuram como importante recurso remissivo em diferentes gêneros textuais, como em textos de tipologia expositiva (reportagem). Nesse sentido, é necessário lembrar que a referenciação perpassa pelo processo cognitivo de construção do sentido em cada situação comunicativa, não significa apenas a utilização de expressões referenciais, mas organizar referencialmente um texto é contribuir para que tenha coerência discursiva.

A abordagem de dois principais aspectos da anáfora encapsuladora, objetivo principal dessa pesquisa, foram atingidos; a organização no discurso através da criação de novos objetos-de-discurso e referentes e a potencialidade argumentativa em trechos ou porções textuais de reportagens jornalísticas. Essas anáforas encapsuladoras foram identificadas como recursos coesivos de manifestação de um ponto de vista, ou seja, da argumentação

textual. Desse modo, as anáforas encapsulam/recuperam o referente e também criam novos referentes no texto, que são *pontos cruciais no discurso argumentativo* (pontos nodais) responsáveis pela coesão e pela manifestação da opinião do locutor. Com as análises, demonstramos a importância dos encapsulamentos para textos, mesmo que não sejam de tipologia argumentativa. Também se percebeu que todas as anáforas encapsuladoras analisadas apresentam correferencial explícito.

Com amparo na fundamentação teórica apresentada, foi possível verificar que quando o núcleo da anáfora encapsuladora é axiológico, geralmente ocorre com determinante demonstrativo que auxilia na localização do referente e influencia na construção da argumentação que visa a persuadir o leitor. Essa pesquisa demonstra que ocorre esse tipo de anáfora na construção textual de tipologias expositivas (narrativas/descriptivas) como a reportagem, é um importante recurso de argumentação e organização textual a partir da criação de novo referente, um objeto-de-discurso que fará parte da construção do sentido no texto.

O encapsulamento anafórico constitui-se, de fato, num fundamental recurso coesivo, pois organiza a estrutura semântica do texto através da progressão referencial. A maneira como a língua se refere ao mundo apresenta dada instabilidade constitutiva, uma vez que o falante elege expressões para referirem-se às coisas, situações discursivas e sociais, pode-se dizer que são *performances discursivas*.

Com relação à temática das reportagens analisadas, acreditamos serem relevantes para reflexões e novas pesquisas, uma vez que é necessário um novo olhar para a educação pós-pandemia. Defendemos serem necessárias mais ações de acolhimento tanto para aluno quanto para professores, em vistas da construção de um novo espaço de ensino em vistas da melhoria da educação nacional.

As reportagens analisadas apresentaram a referenciação como um processo de construção da interpretação do texto, na medida em que os objetos-de-discurso, de acordo com o que mencionam os teóricos referidos neste estudo, não estão prontos e são criados no decorrer da tessitura discursiva. Os estudos sobre o texto, na perspectiva da Linguística Textual contribuem para o ensino da língua materna, e, por consequência, para professores e também àqueles que têm interesse nos processos de construção da tessitura textual discursiva. Por fim, ressaltamos que esta pesquisa visou a análise da presença desse tipo de recurso remissivo – anáfora encapsuladora – para a construção da opinião do locutor, sendo adequada para servir de motivação a novas pesquisas na área de estudos do texto/discurso.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática HOUAISS**, 2ª Ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, Monica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). **Referenciação. Clássicos Da linguística 1**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 53 – 84.
- BARBISAN, Leci Borges; MACHADO, Rejane Flor. O funcionamento de mecanismos coesivos na argumentação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n°4, p. 127 – 145, dez./2001.

BASILIO, Ana Luiza. **Retomada das aulas presenciais acirra a violência nas escolas.** *O que fazer para superá-la?* Carta Capital, 2022. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/retomada-as-aulas-presenciais-acirra-a-violencia-nas-escolas-o-que-fazer-para-supera-la/>> Acesso em: 5 maio/2022.

BERTUCCI, Roberlei Alvez. Anáforas Encapsuladoras: uma análise em textos de opinião. **Revista Letras**, Curitiba, n.º. 70, p. 207-221, Set./Dez. 2006. Editora UFPR.

CAMARGO, Gilson. **Saúde física e mental dos professores no limite.** ExtraClasse, 2002. Disponível em: <<https://www.extraclasse.org.br/educacao/2022/05/saude-fisica-e-mental-dos-professores-no-limite/>> Acesso em: 10 maio/2022.

CAVALCANTE, Monica Magalhães. **Anáfora e dêixis:** quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore Villaça. Referenciação e organização argumentativa. In: KOCH, Ingedore; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Cristina (Orgs). **Referenciação e discurso.** São Paulo: Contexto, 2005, p. 125 – 149.

CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento Anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Beranardete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs). **Referenciação. Clássicos Da linguística 1.** São Paulo: Contexto, 2003, p.177-190.

KOCH, Ingedore, Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antonio. Processos de referenciação na produção discursiva. In: **DELTA**, São Paulo, v.14, n.º especial, p. 169-190, 1998.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Referenciação e organização argumentativa. In: KOCH, Ingedore; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Cristina (Orgs). **Referenciação e discurso.** São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **A coesão textual.** 21. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e Coerência.** São Paulo: Cortez, 1989.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; Machado, A. R.; Bezerra, M. A. (Orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino.** Rio de Janeiro: Lucena, 2002, p. 19 – 46.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos-de-discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

PIMENTA, Paula. **Educação busca superar estragos da pandemia.** Senado Notícias, 2022. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/03/educacao-busca-superar-estragos-da-pandemia%3E>> Acesso em: 05 maio/2022.